

A FESTA NO VILAREJO¹

Patrick Champagne

Nota biográfica

Recentemente falecido, o sociólogo francês Patrick Champagne (1945-2023) gentilmente autorizou a publicação da tradução de seu artigo, *La Fête au village*, originalmente lançado no periódico *Actes de La Recherche em Sciences Sociales* no ano de 1977, para a presente edição da Vivência, Revista de Antropologia da UFRN. Desde o início de sua trajetória profissional, Champagne foi membro do *Centre de Sociologie Européenne*, dirigido por Pierre Bourdieu, que foi seu orientador de tese. Interessado por estudar as transformações sociais no mundo rural francês, publicou diversos artigos sobre o tema em meados da década de 1970, inclusive o que estamos traduzindo, também resultando na publicação posteriormente do livro *L'Héritage refusé* (Le Seuil, 2001). Por sua vez, Champagne também realizou pesquisa sobre a relação entre política e a imprensa, o que pode ser recuperado em seu conhecido livro *Faire l'opinion. Le nouveau jeu politique* (Minuit, 1990) em que aborda os efeitos sociais das pesquisas de opinião. Foi um dos fundadores da ACRIMED – *Action Critique Médias* – observatório da imprensa que articula ativismo científico e ativismo político a partir do seu acompanhamento constante.

RESUMO

A observação das festas locais de Mayenne possibilita apreender os efeitos das transformações que afetaram o mundo rural. A passagem da festa do vilarejo, na qual todos os seus habitantes participam, para a festa do município, que se parece mais com um espetáculo que tem seus atores e seus espectadores, pode ser correlacionada com a difusão, no meio camponês, de uma representação urbana do campesinato. A organização de “festas à moda antiga”, em que os camponeses são levados a se autorepresentar, é sem dúvida um caso extremo. No entanto, a mistura de sério e burlesco que caracteriza as representações que os camponeses têm do seu modo de vida revela a ambiguidade de uma situação em que eles nem sempre sabem se estão a brincar como eles próprios ou a representar outras pessoas. Privados do controle da definição social da sua identidade, os camponeses que, quase sempre, recebem dos outros a definição da sua identidade, procurariam, através destas festas, regressar às suas origens e reencontrar uma identidade social própria?

ABSTRACT

The Village Fête

By observing local fetes in Mayenne the author was able to ascertain the effects



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

of the transformations which have taken place in the world of the peasants. The change from the village fete, in which all the inhabitants participate, to the communal fete, which, with its distinction between actors and spectators, is more like a show, can be correlated with the spread within the peasant milieu of the townsman's image of the peasantry. The organization of «*fêtes à l'ancienne*», in which the peasants are encouraged to play themselves, is doubtless an extreme case. All the same, the mixture of serious and burlesque in the sketches that the peasants present of their way of life reveals the ambiguity of a situation in which they do not always know if they are playing at being themselves or at being someone else. They have been deprived of a hold on the social definition of their identity, and it is almost always from others that they receive the definition of what they ought to be. Through these fetes, then, the peasants return, as it were, to their origins; are they not seeking in this way to recover a social identity of their own?

As análises, em muitos aspectos “urbano-centradas” que descrevem as transformações da “sociedade camponesa dos vilarejos” em termos de sua “abertura” ao “mundo externo” ou à “sociedade englobante” – quais sejam, a abertura dos camponeses à economia de mercado, a abertura da população rural a um estilo de vida urbano etc. – deixam escapar, na maioria das vezes, devido ao uso desses conceitos essencialmente metafóricos, os entrelaçamentos particularmente complexos de traços culturais e os jogos de espelhos que se estabelecem entre sistemas de valores diferentes, se não, opostos. Até há poucos anos, a oposição relativamente simples entre o “moderno” e o “arcaico”, o “lucrativo” e o “rotineiro” estava no princípio da maioria das representações do campo e era muitas vezes imposta aos próprios camponeses que, na década de 1950, cederam seus velhos móveis de família (cristaleiras, armários etc.) a antiquários ou vendedores de móveis usados em troca de móveis feitos de “fórmica”², um símbolo, aos seus olhos, da modernidade. Esta oposição é hoje borrada ou, talvez melhor, substituída por uma outra, oposta à anterior, pois valoriza o passado, a “natureza” e a agricultura tradicional (em sua versão ecológica e da agricultura orgânica) e os “*pays*”³ no sentido arcaico do termo (como as reivindicações regionalistas) contra o “rendimento” da civilização industrial, o “universo feito de concreto” da sociedade urbana e o centralismo jacobino e unificador do Estado francês. Essa reviravolta dos valores dominantes só pode ter causado um constrangimento cultural a muitos camponeses, que, hoje, são demandados a adorar aquilo que foram aconselhados, há apenas alguns anos, a queimar. Manter uma antiga lareira, mas de forma puramente decorativa, com lenhas falsas no interior, mandar reproduzir por um carpinteiro da vila móveis de estilo rústico, cujo modelo é copiado de um catálogo de vendas por correspondência, abandonar num porão, para dar lugar ao mobiliário moderno padrão, um antigo armário do qual ainda se atribui, no entanto, um valor emocional (pois são móveis herdados) e um valor simbólico, porque conhecemos o gosto dos moradores das cidades por esses móveis, estas são algumas das práticas onde podemos ver como os camponeses tentam conciliar o inconciliável.

Este vaivém entre os valores de ontem e os de hoje, entre as práticas “tradicionais” (ou percebidas como tais) dos moradores do vilarejo e as práticas importadas “de fora” se explica muito bem pela evolução recente das várias festas locais porque é na celebração que o vilarejo expressa sua unidade e sua integração e que as mudanças que afetam seus moradores não podem deixar de aparecer neste momento forte da vida do grupo⁴.

VILAREJO EM FESTA OU FESTA NO VILAREJO?

A “assembleia comunal⁵” era a expressão com que a população nomeava, antes da última guerra⁶, a festa do município, marcando assim claramente a natureza profunda de uma festa que reunia quase exclusivamente os habitantes do município. Era realizada no mês de maio em data vinculada ao calendário religioso (domingo seguinte a Corpus Christi⁷), que, com o calendário agrário, pontuava a maior parte da vida coletiva dos vilarejos. Esta festa, essencialmente local, deixava pouco espaço para o mundo exterior. Só vinham de fora os feirantes⁸ dos parques de diversão (estande de tiro de espingarda, balanços e carrosséis) e os responsáveis por lançar os fogos de artifício nas noites de domingo; ainda assim eram feirantes que sempre residiram no departamento. A festa, que acontecia durante todo o dia e que começava com o “despertador” tocado pela banda de música do município, contava sobretudo com jogos instalados nos quatro cantos do centro do vilarejo, que eram pretextos para desafios, competições ou brincadeiras entre os membros do vilarejo.

Além do pau de sebo, jogo tradicional que, numa sociedade que reconhece a força física e a resistência como valores essenciais, dava aos jovens a oportunidade de disputar entre si, a festa incluía competições burlescas (corrida de saco, corrida de ovos), ou jogos em que os integrantes do grupo se exibiam: a brincadeira do “beijo da negra”, que consistia em tirar com os dentes uma moeda de uma telha revestida por carvão queimado; jogo de “quebra pote” onde se tinha que passar, de olhos vendados, por baixo de um pórtico onde estavam suspensos potes contendo prêmios e que se devia tentar alcançar com uma vara; jogo de “batismo dos trópicos” onde era preciso inserir um pedaço de pau em uma tábua presa a uma bacia d’água sem desequilibrar a bacia para não se molhar etc. Em corridas de bicicleta ou cavalo que, por vezes, eram organizadas, colocavam-se principalmente os membros do grupo do vilarejo uns contra os outros; o interesse destas competições residia mais nos participantes conhecidos em todo o vilarejo do que nas suas atuações. Todos iam a esta festa em que os indivíduos eram ao mesmo tempo espectadores e atores; as ausências, sempre percebidas, eram necessariamente interpretadas como forma de se manter à distância do grupo. Esta celebração caiu gradualmente em desuso após a guerra porque a unidade e a coerência do grupo tornaram-se menos fortes. A crise dos valores camponeses, particularmente reforçada pelas migrações provocadas pela guerra, não

poderia deixar de afetar a festa comunal, que era a ocasião privilegiada para reafirmar a confiança que o grupo tinha nos seus próprios valores. Em 1952, já não existindo a “animação”, como disse um camponês, a festa desaparece completamente, favorecido pela eleição, como prefeito, de um professor aposentado cuja presença efetiva na comuna é fraca. As “quermesses”⁹ que, a partir de 1958, são organizadas periodicamente, com pouquíssimos recursos, pelos professores da escola primária pública ou por aqueles da escola privada, não são “festas comunitárias” na medida em que reproduzem as divisões do vilarejo e onde a escola pública deve mobilizar os pais dos alunos “laicos” das comunidades vizinhas (e os professores), porque as famílias que mandam os seus filhos para a “escola pública” não participam da festa; e reciprocamente.

Para compreender este desaparecimento gradual da festa comunal do tipo antigo, deve ser colocado em relação com as transformações mais ou menos rápidas que afetaram o espaço do vilarejo e, em particular, com as mudanças ocorridas na estrutura do sistema de agentes que exercem, presencial ou remotamente, a sua ação junto à população residente no espaço municipal. De fato, desde o final da guerra até o início dos anos sessenta, observa-se uma modificação, especialmente interna, dos relacionamentos entre agricultores, o que se deve nomeadamente ao desenvolvimento de técnicas que permitem uma relativa autonomização das fazendas. A partir de 1947, as estradas do município¹⁰ foram asfaltadas e, por volta de 1955, assistimos a um movimento de grande popularização dos automóveis; a partir de 1953, iniciou-se a eletrificação dos vilarejos (apenas 12% das explorações agrícolas estavam ligadas à rede elétrica nessa data) e desenvolveu-se a compra de tratores (eram 20 em 1955 contra 4 em 1947), mecanização esta que conduziu a uma redução gradual dos empregados agrícolas e domésticas nas fazendas (ou os custos cada vez mais elevados da mão de obra contratada que forçam os agricultores a mecanizar as suas fazendas). A partir de 1955, os mercados locais localizados nas povoações principais do cantão, a oito quilômetros de distância, tenderam a declinar; por volta de 1960, as fenagens, que reuniam cerca de vinte pessoas durante quinze dias e que terminavam com uma festa, acabam, os agricultores trazem uma colheitadeira que faz o trabalho em um dia. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se empresas agrícolas e indústrias agroalimentares: em 1955, uma cooperativa de laticínios recolhe o creme e depois o leite, a fabricação de manteiga “feita na fazenda” desaparece completamente por volta de 1962. A partir de 1958, foram realizadas ações de extensão agrícola por um engenheiro agrônomo em ligação com o banco *Crédit Agricole*, o que teve efeitos indiretos particularmente importantes na desestruturação dos grupos de camponeses nos vilarejos. Por um lado, de fato, estas conduziram inicialmente a uma cisão na população agrícola, entre “camponeses tradicionais” (ou seja, aqueles que não mudaram) e “agricultores modernos” reunidos em torno dos técnicos agrícolas num grupo de apoio técnico. Por outro lado, se os novos métodos agrários adotados por alguns agricultores – o que se tem chamado de “revolução forrageira” (uso intensivo de fertilizantes azotados, abandono da policultura/agricultura mista, aumento da pecuária) – foram observados com atenção e, sem dúvida, com algum ceticismo por parte de outros agricultores (muitos deles vêm, por exemplo, observar a silagem mas vão gradualmente a adotando quando estão convencidos da sua eficácia. A partir de 1961, a difusão dos tratores generalizou-se, seguindo a lógica da competição local, o que tornou

as relações de ajuda mútua cada vez menos necessárias (ou as limitou a apenas um ou dois vizinhos e não mais a dez), contribuindo assim para o enfraquecimento interno de um grupo social, que era baseado em grande parte nas necessidades do trabalho coletivo da terra. A construção, entre 1960 e 1963, de múltiplos espaços escolares (Colégios de Ensino Geral - CEG a oito quilômetros, *Maison familiale*¹¹ a seis quilômetros, escola secundária agrícola a cinquenta quilômetros) e a criação do “serviço de ônibus escolar” em 1963, tiveram o efeito direto de acelerar o processo de “descampesinização” das crianças camponesas cuidadas e socializadas por instituições externas ao grupo do vilarejo, e explica a rapidez da “modernização” de muitas fazendas – condição geralmente imposta pelos filhos para sua permanência na fazenda da família – o que se observa a partir de 1964. A partida, em 1966, do padre que estava na comuna há trinta e cinco anos, antigo oficial que tinha se ordenado como religioso, de estilo “autoritário”, mas muito próximo da população camponesa, e a sua substituição por um sacerdote mais jovem e mais distante que segue a nova liturgia e está frequentemente em deslocamento dentro da diocese, contribuíram para acelerar o declínio das práticas religiosas coletivas: em 1959, as “missões” religiosas tinham chegado ao fim; em 1967, o novo padre aboliu a procissão do Corpus Cristi e as missas diárias; a partir de 1971, algumas famílias fizeram a “primeira comunhão” dos seus filhos já não no vilarejo, mas na povoação principal, situada a oito quilômetros de distância, onde continuaram os seus estudos.

Quando, em meados da década de sessenta, após profundas querelas locais que constituem um indício da desintegração do grupo, é novamente organizada uma festa local, esta já não apresenta as mesmas características. Se a retomada da festa local pode ser explicada, em parte, pelo desejo de sobrevivência de um grupo cuja existência é fortemente ameaçada, em particular devido à aceleração do êxodo rural (“fazer uma festa é mostrar que o pays não quer morrer” é muitas vezes reforçado), também é fundamentada mais fortemente do que antes em bases econômicas, sendo a festa comunal hoje, para os comerciantes, o substituto das antigas feiras livres e constitui uma oportunidade privilegiada para “fazer negócios”. A “Festa comunal” – tendo sido abandonada a expressão “Assembleia comunal” – que se realiza numa data agora fixada no verão, durante o período de férias dos cidadãos, de acordo com um calendário regional festivo, tornou-se um espetáculo, uma “animação” como às vezes é chamado, cujo objetivo principal é atrair um grande público. Tudo que era especificamente local, como os jogos ou as corridas burlescas, desapareceu na medida em que essas atrações específicas do grupo camponês são agora percebidas como “ridículas” e “fora de moda”, enquanto se multiplicavam as atrações que vinham de fora do município. Se encontramos novamente os fogos de artifício e os parques de diversão de antigamente e outros apresentando atrações mais “modernas” que, tais como os carrinhos de bate-bate, têm muito sucesso, são trazidas, também, fanfarras e majoretas¹² de uma cidade vizinha. Da mesma forma, as corridas de bicicleta que, no passado, integravam os habitantes do município, hoje têm atletas de Laval, Rennes, Fougères e até alguns da região de Paris. O público é composto em grande parte por estranhos ao vilarejo: as ruas estão entupidas de

carros de moradores dos municípios próximos, jovens por vezes vindos de longe ou mesmo familiares e amigos que acompanham os aventureiros da corrida, que é a principal atração da tarde de domingo; se, durante o dia, podemos encontrar na festa a maior parte dos artesãos e comerciantes do vilarejo, muitos dos camponeses do município, por outro lado, ficam em casa, alguns porque preferem acompanhar, como todos os domingos, desporto na televisão, outros porque recebem, como muitas vezes acontece, membros da sua família. O público também mudou em sua estrutura, o peso dos “jovens” aumentou consideravelmente, enquanto a presença de gerações mais velhas fica cada vez mais discreta.

A importância desproporcional assumida hoje pelo baile talvez resuma o conjunto das transformações que afetaram a festa local. Na verdade, a festa é antes de tudo o baile porque constitui a principal fonte de renda do Comitê de festas e permite reembolsar somas relativamente altas que foram comprometidas para trazer o maior número de pessoas possível: prêmios para a corrida de bicicletas, aluguel de bandas de música e majorettes, fogos de artifício, pista de dança, orquestra, tudo isso, foi, em 1977, mais de 35.000 francos. O baile é frequentado principalmente por jovens na sua maioria ainda solteiros; a média de idade do público é menor do que nos antigos bailes do vilarejo que eram menos importantes, a Igreja tentando proibi-los por razões morais, e adolescentes de 15 a 16 anos não são raros hoje; o sistema de som ensurdecidor e as músicas executadas, quase todas sucessos da temporada, dificilmente encorajam casais mais velhos a participar, a fortiori os camponeses do município. A atmosfera do baile comunal lembra mais uma “boate” do que um baile popular: verdadeiro “enclave cultural” no município, acontece num “piso de madeira” e num local fechado, montado durante a festa nos arredores do centro; no entanto, neste lugar “urbano”, continua a prática muito “rural” que consiste em colocar um carimbo no pulso dos jovens que pagaram a taxa de entrada (vinte francos). A orquestra, um conjunto “renomado”, é composto por três músicos também externos à comuna: um acordeonista cego que, há vários anos, converteu-se ao órgão eletrônico e abandonou o tango e o paso doble para o slow e o jerk, um guitarrista e um saxofonista. Spots de luzes coloridas que piscam ao ritmo da música são as únicas luzes iluminando a pista de dança, assim deixada na semiescuridão. Jovens, em sua maioria estranhos à comuna, usam roupas “na moda”, as meninas preferindo vestir calças coloridas às saias, por seu turno, os meninos estão usando jeans em vez de “traje de domingo”. Os raros filhos de camponeses de aparência “camponesa” que ali se reúnem só podem ficar perplexos com este universo cultural que lhes é estranho: ou eles ficam na pista de dança, observando a evolução dos dançarinos, tentando às vezes, com timidez e constrangimento, imitá-los ou, na maioria das vezes, ficam perto do bar, na entrada, bebendo e causando desordem, empurrando uns aos outros às vezes brutalmente em cima dos casais dançantes. Indício, entre outros, do caráter forasteiro que tomou para os aldeões, o baile,

que termina tarde da noite (entre duas e três da manhã), desperta vários medos entre eles, tal como o medo de “brigas” entre jovens estranhos à comuna, jovens trabalhadores residentes nas cidades que vêm em grupos para os bailes de campanha. No dia seguinte à festa, os habitantes do centro do município falam principalmente sobre dinheiro e manutenção da ordem: ficam satisfeitos que, este ano novamente, as coisas “correram bem” (sem brigas, nenhum acidente) e que houve gente suficiente para cobrir os custos e até deixar um bom lucro.

UMA RECRIAÇÃO EFÊMERA DO PASSADO

Esta festa “moderna” e padronizada¹³, festa para os outros, mais do que festa do município, é a negação da antiga festa, na medida em que tudo que fazia a especificidade dos valores camponeses encontra-se eliminado em favor do reconhecimento de valores urbanos possivelmente transmitidos pela televisão¹⁴, o que leva a uma separação rigorosa entre os espectadores e os atores e a confiar a profissionais a organização das distrações.

A “festa do domingo” em St. Pierre sur Béhier (setembro de 1977)



... e a festa da segunda-feira

Se antigamente, como se costuma dizer, os habitantes do vilarejo “festejavam”¹⁵, hoje, de um modo geral, devem se contentar em assistir: se assiste o desfile de crianças de outro município, vestidas de majorettes e que desfilam de forma muito militar, sob o olhar atento da responsável; aguarda-se, na praça da igreja, por uma parte da tarde, em pé, em silêncio, braços cruzados ou com as mãos na cintura, para ver a breve passagem dos ciclistas na cidade, nenhum deles sendo do município. Em paralelo à festa dominical, foi criada uma outra na segunda-feira, mas ela durou só alguns anos antes de desaparecer completamente; deu origem a uma participação mais intensa da população, se opondo, quase traço por traço, à do dia anterior. A festa da segunda-feira foi organizada pelo e para o município, como disse, de forma tão reveladora, um comerciante da cidade, “para se divertir um pouco no dia seguinte à festa”. A segunda-feira é o dia em que “nos divertimos mesmo”, onde estamos “entre nós”, num “ambiente muito familiar”. Espontaneamente, o grupo que tinha designado uma comerciante idosa que outrora desempenhou um papel ativo nas “assembleias comunais” para cuidar da organização desta festa, redescobriu práticas e ritos que eram comuns no passado. As crianças e os jovens do vilarejo, mais ou menos disfarçados, alguns com roupas de festas antigas tiradas dos armários, desfilavam dois a dois nas ruas do vilarejo. Esta festa era a ocasião de redescobrir os ritos de inversão tradicionais dos papéis de autoridade e prestígio, confiando, durante o tempo da festa, o poder às mulheres, e dando, ao representante do poder, um papel ridículo: no cortejo, em bom lugar, estava o prefeito, disfarçado de *garde-champêtre*¹⁶, segurando uma jovem do vilarejo pelo braço que usava o lenço tricolor do primeiro magistrado municipal. Acompanhado por um camponês que reencontrou a oportunidade de tocar uma velha sanfona, esse cortejo heterogêneo, que não tem a ordem nem a disciplina dos desfiles da cidade, e no qual, porque estamos “entre nós”, nos disfarçamos “com um nada”¹⁷ (um chapéu, um lenço, um bigode falso etc.), percorria lentamente, em caçambas puxadas por tratores, as estradas do município, seguido de cerca de quarenta carros, nos quais estava grande parte dos habitantes; durante as múltiplas paradas nas fazendas, tomava-se uma bebida e cantava-se uma música conhecida por todos, uma música composta por um comerciante para a ocasião, e na qual elogiava o entusiasmo da comunidade. Como se fosse para marcar a oposição à celebração dominical, uma corrida de ciclismo, paródia da véspera, colocava em uma competição “para rir” cerca de dez artesãos e agricultores montados em bicicletas, mais ou menos usadas, tentando ganhar os prêmios oferecidos em estilo burlesco pelos moradores da cidade; se o domingo era um dia “pago”, a segunda-feira, ao contrário, era um dia de generosidade, o prefeito distribuindo para as crianças do vilarejo fichas que lhes permitem subir nos carrinhos de bate-bate ou no carrossel. O baile de segunda-feira à noite, também livre, era totalmente oposto ao da véspera: acontecia na cantina municipal, ou seja, num lugar

familiar, conhecido por todos; a orquestra era reduzida a um acordeonista amador, filho de um camponês do município, e a dois outros músicos, e tocava tangos e valsas em vez de danças da moda que ninguém (exceto as meninas) saberia dançar. Aqui, não há iluminação suave, mas luzes claras que excluem qualquer “roupa inadequada”. Os camponeses, que mal iam no baile de domingo à noite, não porque “não tinham mais idade para isso”, mas porque se sentiam excluídos de um lugar que era totalmente feito para lembrá-los que eles ali não deveriam estar, agora são muito mais numerosos. Jovens e velhos conviviam, famílias extensas estavam presentes aqui. As ausências eram mais raras e mais observadas, muitos moradores se sentindo obrigados a ir e passando alguns momentos, o tempo de “se mostrar”. A maioria das garotas usa saia e blusa, enquanto os jovens camponeses estão com suas melhores roupas de domingo, mas não desconfortáveis ou tímidos, porque eles estão “entre si”. O baile termina relativamente cedo, com jogos e danças que só fazem sentido para pessoas que se conhecem e querem brincar juntas, tal como, por exemplo, o “jogo do tapete”, onde homens e mulheres escolhem, cada um na sua vez, numa roda, um parceiro.

Esta celebração de segunda-feira desapareceu em 1977 provavelmente porque ela era dominada por aquela do domingo e que muitos a consideravam “ridícula”, “irrisória” ou “sem graça”: a partir de sábado, os feirantes estão instalados; à tarde, é organizada uma corrida de bicicletas que atrai muito poucas pessoas – especialmente crianças; e, à noite, há o baile. Na segunda-feira, a corrida dos veteranos foi substituída por uma corrida “real”; o cortejo foi cancelado porque “cada vez menos pessoas estão interessadas nisso” e depois porque existem “riscos de acidente”, acrescenta-se como se quisesse esconder, atrás de um álibi técnico, os reais motivos desta exclusão. O baile da noite de segunda-feira trocou a cantina municipal pela pista de dança que não é desmontada na terça-feira; o acordeonista amador comprou para si um “som”, juntou-se a outros músicos, colocou um traje de palco de cores vivas, adotou um repertório mais “moderno” e tornou-se “profissional”. Como muitos jovens que não pertenciam ao município compareciam ao baile da segunda-feira à noite, e porque, finalmente, virou um baile igual aos outros, o Comitê de festas decidiu, então, cobrar uma taxa de entrada.

A FESTA À MODA ANTIGA

Se a evolução das festas comunais marca, assim, o fim da autonomia do vilarejo na área cultural e simbólica, a dominação urbana que se exerce sobre o mundo camponês, no entanto, atinge o seu ponto de corte em festas “à moda antiga”, festas comunais de um novo estilo em que os agricultores oferecem como objeto de espetáculo o trabalho agrícola que ainda era praticado há alguns anos.

“FIZEMOS A COLHEITA” EM “TÊTE-LOUVINE” EM ESTILO 1900!

Mal sabiam os organizadores do evento – neste caso o Vélo-Club Gastinais – o sucesso que teria o “Dia de Colheita em 1900” na fazenda da Tête Louvine. Por volta das 15 horas, o pátio da fazenda estava repleto de visitantes, que se agrupavam junto aos trabalhadores da colheita e suas máquinas, enquanto a estrada de acesso formava uma linha estreita e ininterrupta de automóveis provenientes de toda a região de Mayenne e dos departamentos vizinhos, bem como de numerosos veranistas que passavam férias na região.

Milhares de pessoas vinham de todo o lado, ao ponto de o pátio e a estrada da fazenda ficarem bloqueados e de alguns não chegarem ao seu destino, o que foi uma pena!

Por que é que foi um sucesso tão grande?

Sem dúvida, devido ao fato de que com o progresso – a riqueza aumentou, é certo – mas a vida perdeu a sua originalidade, a sua cor e a sua alegria. Tornou-se uniforme e aborrecida devido à padronização.

Aqui, a máquina, com o zumbido característico da sua correia, mistura-se com o ruído da debulhadora, interrompido a intervalos pelo apito estridente do vapor e pelos gritos dos trabalhadores... Os trabalhadores pingavam de suor sob os seus chapéus de palha por baixo dos quais emergiam uns bigodes... muito próprios da época! ... O som do *tarare*¹⁸ ao jogar os grãos para o alto na direção do sol, os debulhadores com suas manivelas (*fléaux*) que batiam em cadência o feno espalhado no chão... tudo isto constituía um espetáculo vivo e atraente.

Uma parte muito agradável e muito apreciada da festa foi também a degustação do pão feito na fazenda, do toucinho salgado com couve, da cidra e da manteiga fresca... Todos os gêneros alimentícios que – é justo dizê-lo – ainda hoje batem o recorde de qualidade, se os compararmos com os alimentos industrializados dos tempos modernos!

Nada foi esquecido, nem mesmo um autêntico tocador de rabeça do campo – prova de que esse tempo não foi assim tão longe! – que pôs o povo a rodar e a saltar com danças antigas e “faziam bonito¹⁹” !



Os batedores de 1972 reencontraram com facilidade o ritmo daqueles de 1900!

Courrier de la Mayenne, 19 de agosto de 1972

A imprensa local e as “festas à moda antiga”

As reportagens da imprensa local sobre as “festas à moda antiga” – neste caso, o *“Le Courrier de la Mayenne”*, o maior jornal semanário do departamento, de tendência conservadora e católica – desempenharam um papel importante no processo de folclorização e de representação mítica dos “bons velhos tempos”. Porque muitos correspondentes locais, comerciantes envelhecidos com uma clientela cada vez mais reduzida, ou professores primários idosos que viram vários filhos de camponeses tornarem-se agricultores relativamente abastados, sem mesmo ter um diploma, estão fortemente ligados ao passado e tendem a redescobrir ou a reproduzir, quando falam destas festas, o discurso produzido pela aristocracia fundiária do final do século XIX, que inspirou grande parte do “romance rústico”. O trabalho agrícola é, antes de tudo, um espetáculo e, aqui duplamente, pois é um espetáculo em si mesmo; o ruído da debulhadora (“o ronronar característico da correia”), a fadiga dos trabalhadores (“os trabalhadores, pingando de suor sob os seus chapéus de palha...”) constituem um “espetáculo vivo e atraente”. Mas esta evocação das “belas imagens do passado” é sobretudo uma boa ocasião para condenar o presente, que perdeu a “originalidade”, a “cor” e a “alegria” e se tornou “uniforme” e “aborrecido” devido à “padronização”.

Esta espécie de revalorização urbana do passado que leva os agricultores a brincar, se assim posso dizer, de camponeses e, assim, participar eles próprios no processo de folclorização da condição camponesa, assumindo a representação antiga e idealizada do campo que fazem hoje certas frações urbanas, revela-se de forma mais geral em razão do desenvolvimento, entre os agricultores mais “avançados”, de práticas de “retorno ao passado”, que se apresentam como tantas reações ao “produtivismo” urbano. Assim, por

exemplo, alguns agricultores, jovens e “modernos”, que tinham abandonado a fazenda para uma casa de conjunto habitacional e desistido do galinheiro, considerado sujo e fedorento, em favor do canteiro de flores e grama onde algumas galinhas de cerâmica se bicam simbolicamente, declaram hoje sentir saudade do modo de vida mais “calmo”, mais “saudável”, em suma, mais “natural” dos “antigos” e reconstruir abrigos para coelhos e galinheiros atrás do garagem para não ficar procurando, “como todo mundo”, ovos, aves e coelhos no supermercado: “ganhar dinheiro”²⁰, diz um jovem agricultor “moderno”, “não deve ser o único objetivo na vida, é preciso também encontrar tempo para viver”; “no passado”, declara um camponês, “as pessoas tinham menos pressa que agora, elas eram menos preocupadas em produzir; atualmente, são pressionadas e o que conta é apenas o rendimento”. Mas seria errado ver, neste ressurgimento do passado, uma simples reafirmação da identidade camponesa na medida em que este tradicionalismo seletivo, que surge quando o mundo camponês se define mais do que nunca com referência ao estilo de vida da cidade, distingue-se radicalmente do tradicionalismo forçado daqueles que, como muito bem dizem as metáforas tecnocráticas, “ficaram para trás”.

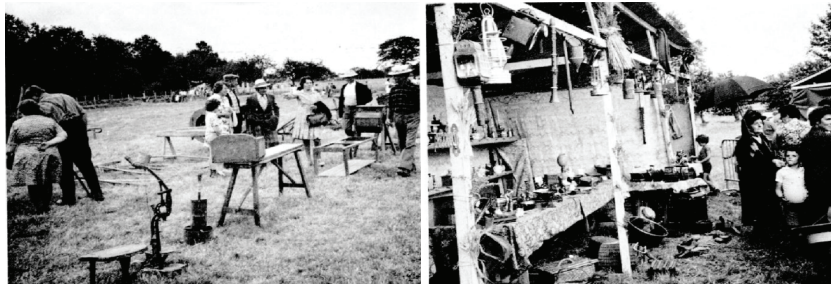
A observação de uma destas festas à moda antiga constitui uma ocasião privilegiada para apreender, através das contradições que emergem, as ambiguidades desta folclorização de modos de ser e de fazer recentes ou mesmo ainda praticados por alguns agricultores. O tema da festa à moda antiga realizada em B. (localidade da Mayenne) teve como tema “a agricultura de 1930-1940 e os ofícios antigos”²¹; reproduz, inspirando-se em grande parte da “Grande festa da colheita e dos ofícios antigos” de Angrie (Maine et Loire) que, desde 1974, se caracteriza pela reconstituição em grande escala de cenas de debulha, com várias dezenas de pessoas a manejar velhas debulhadoras a vapor recuperadas para a ocasião, e que reúne atualmente o que tem de mais antigo ao nível não só de um município, mas de toda uma região (por exemplo, são trazidas juntas de pares de bois da Vendée); por vezes, dá origem a recriações completas do passado, tendo alguns agricultores aprendido, por exemplo, a debulhar o trigo com uma manivela, uma prática que desapareceu desde o início do século.



O fim da debulha deu origem a um ritual conhecido como a “festa do último feixe de trigo”: quando a debulha estava quase terminada, os agricultores colocavam secretamente flores num feixe e procuravam um pretexto para que a “patroa” da fazenda o descobrisse, dando-lhe a honra de carregar, ela mesma, o último feixe para a debulhadora, depois de dançarem e formarem um alegre cortejo. Durante a “festa à moda antiga” de B., esta cerimônia foi interrompida pela chegada do deputado local, que tinha vindo com o seu próprio fotógrafo para se exhibir na festa. Espontaneamente, foi convidado a ocupar o lugar de honra, o da “patroa”, enquanto um círculo alegre se formava à sua volta e à volta das duas últimas coroas de flores. Depois, o presidente do Comitê de festas convida-o a carregar o “último feixe” para a debulhadora. Provavelmente mais habituado a transportar coroas de flores para os monumentos de guerra do que feixes de trigo para a debulhadora, quis dar a si próprio um ar muito penetrante para significar que sabia da importância do papel que lhe era pedido, o que o levou a adotar uma pose séria e solene, que contrastava com o caráter habitualmente alegre desta cerimônia, e parecia ser uma deposição não intencional, mas simbólica, de uma coroa fúnebre aos pés de um campesinato defunto.



Os músicos são autênticos músicos locais: o violinista é um agricultor local que, antigamente, tocava em casamentos e banquetes, mas que há muito só toca para si próprio. Os dois acordeonistas são oriundos de um município vizinho; continuam a tocar nos casamentos e nas “festas noturnas familiares”, e são sempre animados, “estão sempre presentes, diz um agricultor que os conhece bem, onde damos boas gargalhadas”. Disfarçada com um traje emprestado pelo Comitê de festas de um município vizinho, uma mulher do vilarejo, mas que vive há muito tempo na cidade, canta canções “antigas” que são, na realidade, sucessos do período do entreguerras que foram recentemente reavivados, como “*Riquita*”, “*Nuits de Chine*” e “*La Java bleue*”, canções que foram transmitidas menos pelos “anciões” do que pelos discos.



Esta reunião (foto à esquerda), no mesmo espaço, de todos os objetos antigos encontrados nos sótãos ou nos celeiros, faz-nos pelo menos interrogar sobre as condições sociais que transformam objetos vulgares que se tornaram inúteis em objetos extraordinários dignos de serem preservados. Vemos, dispostos como se estivessem num museu, uma coleção de objetos que, nas palavras de um agricultor, são “coisas velhas que as mulheres conservam”, que evoquem o *brocanteur*²² mais que “não estão à venda” como declara orgulhosamente a pessoa responsável no estande, antiga empregada de um “burguês” local, “disfarçada de marquesa”, como disse um camponês. Depois da exposição, alguns destes objetos reapareceram nas casas dos agricultores como peças de decoração. Sem qualquer critério de classificação ou explicação

aparente, vários instrumentos (foto à direita) são colocados no chão, ao que parece pelo simples fato de serem antigos. Na primeira fila, da esquerda para a direita, vê-se uma sela de ordenha, um arrolhador, instrumento utilizado para fechar garrafas de cidra e de vinho, um “*carosse*” (caixa de madeira, forrada de palha, onde as mulheres se ajoelhavam para lavar a roupa) colocada sobre um banco de lavar roupa, uma bateadeira e, na parte de trás, uma máquina para amarrar os feixes.

A festa à moda antiga organizada em B. acontece num campo de trigo próximo da cidade; no centro, numa área cercada, encontram-se duas debulhadoras que funcionavam até há dois anos, bem como alguns feixes de trigo, cortados na véspera, para alimentar a demonstração de debulha que se prolongaria durante toda a tarde; num campo vizinho, alguns hectares de trigo foram deixados de pé e serão cortados, diante do público, com uma máquina²³ puxada por dois cavalos que pertencem a um agricultor idoso. Nos lados do campo estão dispostas várias bancas de artesãos – cesteiros, empalhadora de cadeiras, sapateiros, fiandeira e seleiros – que se instalaram para fabricar objetos ou vender “produtos da fazenda”, como manteiga batida, tigelas de cidra, pão feito no forno a lenha etc.; além disso, há bancas de jogos como *chamboule-tout*²⁴, loteria, boliche etc., que conferem à festa um ambiente de quermesse.

A atmosfera desta festa à moda antiga lembra mais, aparentemente, as festas do passado do que as festas comunais modernas, com a maioria dos habitantes deste pequeno município, jovens e sobretudo idosos, participando da festa (“não havia dez casas que não estivessem representadas”, diz um agricultor do Comitê de festas). O fato de “se divertir muito” (rir, beber muito, fazer barulho, correr atrás uns dos outros) é provavelmente mais importante do que o retorno financeiro esperado, uma vez que esta festa não custou quase nada. No entanto, é fundamentalmente diferente das festas antigas, na medida em que se trata de um espetáculo, simbolizado pelas cercas, por dois enormes parques de estacionamento para acolher os 4.000 visitantes que virão de toda a região e pelo pagamento de uma taxa de entrada: se todo o vilarejo participa, é para se exibir perante um público exterior ao município: uma festa como esta, em que os agricultores fazem o trabalho à moda antiga e não, como nas manifestações folclóricas habituais, “a festa” (danças, desfiles em trajes de casamento etc.), não tem sentido sem a presença de um público. No entanto, o público é bem distinto daquele das festas comunais tradicionais: sem dúvida que, como em todas as festas, há grupos de jovens que veem a festa como mais um passeio de domingo e prestam menos atenção ao espetáculo do que às moças; no entanto, para além de algumas famílias que vivem nas cidades vizinhas e que, como dizem, têm “amarras” no município, há também muitas famílias extensas de agricultores e uma presença mais forte do que o habitual das gerações mais velhas, que, tomando como testemunhas as gerações mais novas, só podem evocar o passado no modo da constatação

pura e simples (“eu vi isso”, “eu conhecia isso”), por vezes espantadas com o fato daquilo que constituiu a sua existência cotidiana durante a maior parte da sua vida poder ser objeto de um espetáculo.

No entanto, esta reconstituição difere das “verdadeiras reconstituições” na medida em que não pode ter a preocupação da exatidão etnográfica que é a preocupação de um estrangeiro; apresenta, por isso, um aspecto heterogêneo que nunca é tão visível como no estande onde são expostos objetos cujo único ponto comum é a sua antiguidade, uma frigideira para grelhar o café ou uma batedeira de *ribot*²⁵, por exemplo, estão lado a lado com um velho televisor ou um clarinete antigo.

Do mesmo modo, embora a maior parte dos camponeses usasse roupas antigas “autênticas”, algumas delas de uso cotidiano e a maior parte delas guardadas em casa ou pedidas emprestadas ao Comitê de festas de um município vizinho, não as usam “em situação”, sendo, por exemplo, os trajes de casamento usados pelos camponeses que fazem uma demonstração de lavoura. Mas, para além destes anacronismos involuntários, podemos constatar uma tentativa deliberada de zombaria, incentivada pelo ambiente festivo que permite, e até encoraja, o desrespeito efêmero e ritualizado dos valores mais sagrados do grupo. Mas este distanciamento, refletido nos disfarces burlescos (narizes falsos, bigodes falsos etc.) é tão ambíguo como a situação que procura neutralizar, em que os atores já nem sempre sabem se estão brincando de ser eles próprios ou outra pessoa. A maior parte dos artesãos que participam na festa dos “ofícios antigos” estão ainda trabalhando; muitos dos camponeses que participam na “festa das colheitas” fazem simplesmente de conta que são eles próprios. Esta situação, um pouco paradoxal, em que os indivíduos são transformados em objetos de museu enquanto continuam vivos, não pode deixar de afetar algumas pessoas, e sobretudo nos homens – as mulheres desempenhando com seriedade seu papel – um certo “distanciamento do papel”, a metáfora teatral é particularmente pertinente neste caso. Isto é particularmente claro para os artesãos que voltam a fabricar objetos antigos, mas comprados para fins decorativos (“para o desfile”) pelos habitantes da cidade.

A lógica de tal festa só pode ser a do espetáculo; é, ao mesmo tempo, fortemente subjugada, como percebem os membros do Comitê de festas, a determinações fora do grupo do vilarejo. Um agricultor, evocando a grande festa das colheitas em Angrie, faz a seguinte colocação: “Em Angrie, começaram pequeno, depois veio a procura; agora há tanta gente que tem que ser muito organizado”. Porque se “exibem” para outros, os camponeses não podem deixar de levar um pouco a sério a sua tentativa de reconstituição; se situam a sua própria festa à moda antiga muito abaixo da de Angrie, a que assistiram várias vezes e em várias ocasiões e que, para eles, constitui um modelo (“é algo sério”, “é sensacional”, “vale a pena, mesmo quando se faz parte dela”), mas tomaram-no pela autenticidade e seriedade que implica. Mas aqui, ao contrário do que ocorreu em outros lugares, não foi necessário alugar equipamento antigo, recuperado de lojas

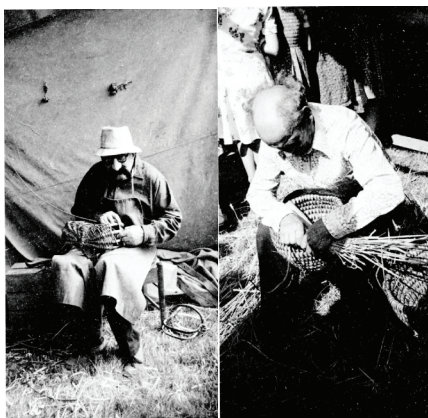
de sucata ou de ferro-velho e restaurado para funcionar apenas para este tipo de festas.²⁶ Também não foi necessário recorrer a especialistas. Os artesãos são artesãos “verdadeiros”, o agricultor que lavra os seus campos com um arado puxado por quatro cavalos em fila, ainda hoje trabalha desta forma, tal como o homem que corta o trigo com uma máquina²⁷ atrelada a dois cavalos.

Esta festa, que parece revalorizar o passado e reabilitar indiscriminadamente a tradição, permite apreender tudo o que separa, de fato, aqueles que são “tradicionais” sem o quererem ser, daqueles que escolheram a tradição como modo de vida. Por exemplo, o agricultor de cinquenta e poucos anos que realizou uma demonstração de como lavrar a terra com cavalos e que ainda trabalha assim está, em muitos aspectos, em oposição ao agricultor que forneceu a máquina de atar e a debulhadora. Casado, não teve filhos e é praticamente solteiro (não tem filhos para o encorajar a “modernizar-se” e, sem descendência, qualquer projeto de aumentar o seu patrimônio tornou-se inútil); é a presença ainda ativa da sua mãe na fazenda que lhe permite continuar a fazer funcionar esse tipo de sistema produtivo, particularmente custoso em termos de mão de obra²⁸; ²⁹ mesmo se ele mantém as antigas técnicas de produção, apesar das dificuldades crescentes que tem de ultrapassar (por exemplo, o ferreiro e o seleiro desapareceram) é porque não pôde ou não soube mudar (“os jovens têm crédito, eu sou demasiado velho e depois, na minha idade, investir para quem?”). De fato, só consegue continuar graças à ajuda dos vizinhos que lhe emprestam os seus equipamentos modernos. Se esta família é considerada pelos outros agricultores, como uma família um pouco “especial” e muito “fechada” (a sua mãe e a sua mulher não virão à festa, e ele vai embora assim que tiver efetuado a “demonstração” de lavoura à moda antiga), o mesmo não se pode dizer da mulher que forneceu as máquinas antigas. Aqui, a conservação das máquinas antigas não é o produto de um tipo de conservadorismo agrário que agora se envergonha um pouco de si próprio; o que se deve, sem dúvida, é o gosto característico da família pelo trabalho manual e um “gosto pela mecânica” que remonta ao avô, mas também a ver com uma preocupação, muito urbana, de preservar as tradições que fazem o “charme” do campo, preocupação mantida pela família estendida, que se tornou muito urbana (uma diretora de escola, um professor de química, um padre, uma freira): se continua a ter um cavalo de tração, “é para o prazer”, porque já não trabalha; se ainda faz alguma agricultura mista, é apenas “pelo prazer de ver as velhas máquinas velhas ainda trabalhando”; se deixa aparecer vigas e pedras de suporte da casa que tinham sido recobertas de gesso, é porque “é mais bonito”; se mantém as cercas vivas, é porque não quer “matar a natureza” etc. Até 1975, ainda debulhava o

trigo e o trigo sarraceno numa velha debulhadora, a que é utilizada na festa; só em 1976 é que teve de recorrer a uma empresa especializada, pois não havia ajuda suficiente, esta operação requer hoje pelo menos seis pessoas. E se poderia, nesta família aparentemente tradicional – vivem numa antiga casa de campo, ainda têm velhos armários de família etc. – multiplicar os traços de modernismo: foram os primeiros a adquirir um trator e uma máquina de ordenha elétrica, e os cinco filhos prosseguiram os estudos (BTS, *baccalauréat*) etc.



A demonstração da lavoura com quatro cavalos em linha, puxando um arado, foi um dos momentos mais aguardados da festa. Embora este tipo de arreo fosse relativamente comum, havendo mesmo agricultores que lavravam terrenos difíceis com cinco ou seis cavalos em fila, o barulho da festa dificultava a realização deste trabalho. Os cavalos são conduzidos por um agricultor, membro do Comitê de festas, que vestia um chapéu *canotier*, um colete e calças velhas, enquanto o proprietário dos cavalos, um agricultor de cerca de quarenta e cinco anos, ficava atrás (está escondido na fotografia) para acalmar os seus cavalos, que estavam um pouco assustados por estarem trabalhando diante de tanta gente.



Fazer ou fingir?

Alguns, como este cesteiro de 64 anos (foto à esquerda), que ainda trabalha num município vizinho a cerca de dez quilômetros de distância, apresentam-se ao público de uma forma pouco convencional: vestido de maneira moderna, ele fabrica cestos chamados “*paillons*”, fabricados com palha ligada com casca de espinheiro, que serviam ainda há uns quarenta anos, quando os camponeses faziam seu próprio pão, para fazer “crescer” a massa ou que eram também utilizados para recolher os ovos; durante muito tempo, deixou de os fabricar e fazia sobretudo cestos de vime. Outros optaram por representações grotescas, como este outro cesteiro (foto à direita), também em atividade, que se vestiu com as suas antigas roupas de trabalho, mas pôs um bigode falso, um nariz falso e um par de óculos falso. Noutro lugar, o sapateiro do vilarejo, com um ar alegre, vestiu-se de maneira totalmente extravagante (calças de veludo, casaco de carvoeiro, chapéu de feltro do domingo que seu pai usava) desempenha o papel de “fabricante de tamancos” (na realidade, nunca foi fabricante de tamancos, limitando-se a pregar solas e saltos em tamancos fabricados em série).

O mesmo se passa com os agricultores, que já não sabem o que admirar ou rejeitar, obrigados a admirar o que rejeitam (debulhar o trigo com as máquinas antigas, “é mais bonito ver do que fazer o trabalho”, diz um agricultor idoso) e a rejeitar o que admiram: a festa à moda antiga homenageia os agricultores considerados “atrasados” ou “um pouco especiais” (“é graças a pessoas assim, que se orgulham de manter os velhos costumes, que podemos festejar”, declara um agricultor de quarenta anos que vive numa casa de conjunto habitacional); se os agricultores admitem que tiveram de trabalhar muito durante as “safras³⁰” que demoravam três semanas (“antigamente, trabalhávamos com os braços”), não deixam de sublinhar que “sabíamos festejar, divertir-nos e descansar”, ao passo que, hoje, “o patrão tem mais preocupações ‘psicológicas’ do que antigamente, e não é certo que hoje se trabalhe menos”; embora os agricultores possuam atualmente equipamentos recentes, continuam a admirar as máquinas antigas, “indestrutíveis”, que “já tinham todos os truques na manga” (“as coisas hoje não são melhores; é uma verdadeira sucata, não se inventou nada desde então”) etc.



Encontramos os mesmos contrastes nas cenas do trabalho agrícola. À esquerda, podemos ver camponeses ainda com suas roupas velhas: calças listradas de algodão com uma “alça” (ou “tira”³¹) atrás e presas por um par de suspensórios grossos, camisa sem gola, chapéu de junco para o homem que segura seu forcado; blusa listrada, lenço no pescoço para evitar que o pó levantado durante a debulha entre na roupa, meias de algodão cinza escuro para a mulher.

Ao seu lado (à direita) estão agricultores vestidos de camponeses: a mulher segura um jarro com cidra, que era levado para o campo para os ceifadores; o agricultor da esquerda, tal como a maior parte dos agricultores que participam na festa, usa na camiseta um chapéu *canotier* “Maurice Chevalier” (chapéu que se usava aos domingos) de plástico, comprado em Parthenay numa empresa especializada na venda de objetos e bugigangas para quermesse; à direita, o prefeito e o presidente do Comitê de festa, ambos agricultores de renome no município, fantasiados com trajes mais elaborados, com velhos fatos de casamento ainda quase novos, com laços, *gibus* ou chapéus-coco, ou seja, mais roupa de “dia de festa” do que roupa de trabalho.

A crise dos valores camponeses é, sem dúvida, principalmente uma crise de identidade social, estando os camponeses condenados hoje a receber do exterior a definição do que eles devem ser com todas as contradições que tal situação implica: enquanto a fração tecnocrática da classe dominante proclama, há anos, “o fim dos camponeses”, sem dúvida para o concretizar mais rapidamente, outras frações, em nome da “qualidade de vida” e da “ecologia”, desenvolvem nos últimos anos uma ideologia nostálgica glorificando um modo de vida que os camponeses quase totalmente abandonaram. Não há provavelmente nenhum grupo social que tenha sido submetido a exigências tão contraditórias. Na medida em que esta festa à moda antiga constitui uma espécie de tentativa ilusória de reviver o passado, poderia fazer lembrar os movimentos milenaristas em que os indivíduos reagem à aculturação acelerada, refugiando-se imaginariamente num passado vivido como uma “idade de ouro”. Se não fosse pelo fato de que a iniciativa do *revivalism*, de reviver o passado, vem de fora, e que o festival continua sendo um espetáculo produzido para o mundo exterior³².

NOTAS

- ¹ A versão em francês foi publicada originalmente sob o título: *La fête au village*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales* vol. 17-18, nov. 1977. *La paysannerie, une classe objet*. p. 73-84. DOI: <https://doi.org/10.3406/arss.1977.2577> < www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1977_num_17_1_2577>. Agradecemos ao autor e à revista pela autorização para tradução do artigo. Também agradecemos a Marie France Garcia-Parpet pela sua ajuda para entrar em contato com Mr. Champagne, alguns dias antes do seu falecimento. A tradução foi realizada por Julie Cavnac e a revisão da tradução por Carlos Guilherme do Valle. O estilo do autor, com frases muito longas, e a utilização de termos técnicos pouco usados ou antigos tornaram difícil a tradução. As aspas que constam no texto original foram conservadas na versão traduzida.
- ² NdT: É um laminado plastificado prensado feito de um conjunto de folhas de papel madeira recoberto com resina sintética. Na década de 1970, a fórmica era colorida e utilizada, em particular, em móveis e armários de cozinha, correspondendo à ideia que a modernização das cozinhas, com a praticidade das tarefas e a introdução de eletrodomésticos, iria auxiliar na autonomia feminina.
- ³ NdT: *Pays*, em francês regional, tem uma conotação afetiva e não administrativa, é o local de origem. É equivalente ao território. Escolhemos por deixar em francês, não tendo uma tradução exata.
- ⁴ As notas a seguir foram retiradas de uma pesquisa realizada a partir de 1972 no departamento de Mayenne e, em particular, em um vilarejo com cerca de 750 habitantes, principalmente agrícola (St. Pierre-sur-Béhier), situado ao norte do departamento. Não é preciso dizer que os seguintes dados dizem respeito apenas a esta região, cujas principais características foram descritas num artigo anterior, cf. “La restructuration de l’espace villageois”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.3, mai. 1975, p. 43-67.
- ⁵ NdT e NdR: Escolhemos conservar aqui o termo “comunal”, termo antigo que evoca ao mesmo tempo o coletivo e um lugar compartilhado, o município. O território nacional francês tem uma organização diferente da brasileira. É dividido em departamentos, distritos, *cantons* e *communes* que, no Brasil, correspondem aos municípios. São coletividades territoriais com competências administrativas distintas. Em uma cidade, uma *commune* às vezes abrange vários *cantons*, enquanto no campo, um *canton* compreende várias *communes*, com os principais serviços administrativos (gendarmaria, tesouraria etc.) geralmente localizados na maior cidade do *canton* (*chef-lieu*). Optamos traduzir *village* por vilarejo em vez de aldeia que, em português do Brasil, pode ser usado para designar, por exemplo, uma aldeia indígena. O termo vila é pouco usado no Brasil rural atualmente, preferindo-se o termo povoação. Contudo, encontramos áreas espaciais chamadas vilas nas cidades brasileiras. No passado, podiam designar áreas de ocupação operária, mas, ainda hoje, temos pequenos conjuntos de casas ordenadas de modo simétrico e/ou certos bairros também chamados e/ou nomeados de vilas. Para simplificar, utilizaremos vilarejo para

designar uma pequena cidade, fazendo parte de um município. *Fête communale* é a festa de todo o município, mas subentende-se que é uma festa da comunidade, de todos que pertencem ao local.

- ⁶ Trata-se da Segunda Guerra Mundial.
- ⁷ NdT: Em francês *Fête-Dieu*.
- ⁸ NdT: Não existe um equivalente em português. Em francês *forains*. São profissionais dos parques de diversão, às vezes associados ao universo do circo, são diferentes dos vendedores das feiras livres.
- ⁹ A expressão só apareceu na região após a guerra. Estes festivais incluíam geralmente cenas teatrais apresentadas por crianças em idade escolar e um baile “muito familiar”, sendo os escassos lucros frequentemente utilizados para organizar uma viagem de ônibus no final do ano letivo.
- ¹⁰ NdT: em francês *routes départementales*.
- ¹¹ NdT. As “Casas de família” eram escolas associativas que tinham com objetivo profissionalizar os jovens; eram administradas por famílias e profissionais, apoiadas pelo Estado ou pelos conselhos regionais.
- ¹² NdT: As *majorettes* são moças que desfilam na frente das fanfarras municipais. A foto a seguir: “A “festa do domingo” em St. Pierre sur Béhier (setembro de 1977)” mostra umas majorettes.
- ¹³ O desenrolar da festa, conforme acabamos de descrever, é praticamente igual para todas as festas comunais, os mesmos feirantes, as mesmas orquestras, a mesma pista de dança e as mesmas majorettes movendo-se nas festas dos diferentes municípios do departamento,
- ¹⁴ O primeiro aparelho de televisão do município foi adquirido em 1958 por um agricultor, atualmente prefeito do município.
- ¹⁵ NdT: Em francês a expressão é “fazer a festa” (*faire la fête*).
- ¹⁶ NdT: “Policia do campo”, figura folclórica do mundo rural francês.
- ¹⁷ NdT: Na versão francesa, “*on se déguise d'un rien*”, expressão idiomática que significa que o disfarce é feito com roupas do cotidiano, sem procurar algo excepcional.
- ¹⁸ NdT: Máquina que peneira os grãos.
- ¹⁹ NdT: Em francês, “*se défendaient*”, quer passar a ideia de que as danças antigas não eram tão ultrapassadas e eram admiradas por todos, apesar de terem saído de moda.
- ²⁰ NdT: Em francês *faire du pognon*, expressão popular e um pouco vulgar para dizer ganhar dinheiro.
- ²¹ Assistimos a várias destas festas, entre as quais uma em 1977, em B., uma localidade com 473 habitantes, situada a cerca de vinte quilômetros de Laval e constituída quase exclusivamente por agricultores. Em 1976, realizou-se pela primeira vez neste município uma “festa das colheitas e dos ofícios antigos” que, dado o êxito do evento – cerca de 2.000 pessoas participaram – foi repetido e “melhorado” em 1977. É esta última que descrevemos nas notas seguintes. Foram tiradas cerca de uma centena de fotografias durante o evento, comentadas pelos habitantes locais, nomeadamente pelos agricultores que faziam parte do comitê das festas.
- ²² NdT: é o vendedor de objetos usados, preferencialmente de uso doméstico. Na França, existem grandes feiras de objetos usados, em particular móveis antigos (*foires à la brocante*).

- ²³ NdT: No texto original, *Javelleuse*, máquina que corta o trigo e faz os fardos.
- ²⁴ NdT: Jogo feito com latas empilhadas que são derrubadas com uma bola.
- ²⁵ NdT: Leite fermentado de vaca feito com fermentos lácteos, num processo semelhante ao iogurte.
- ²⁶ O aluguel de uma máquina a vapor do início do século custou, em 1977, dois a três mil francos.
- ²⁷ NdT: No texto *Javelleuse*.
- ²⁸ A fazenda que herdou dos seus pais tem cerca de vinte hectares, mais de metade dos quais são prados; a criação é limitada a doze vacas; continua a fazer ainda um pouco de tudo "como antigamente" (couves, beterrabas, trigo etc.), sendo a maior parte das culturas utilizada para alimentar o gado. A mecanização da produção agrícola, que antigamente se compunha de três trabalhadores, implicaria uma relativa especialização e o abandono de uma agricultura e de uma pecuária mistas para uma pecuária intensiva.
- ²⁹ NdT: Na versão original, há um corte no texto entre a página 80 e 81; este trecho que era para ser colocado na página 82, foi trocado de lugar, provavelmente devido a um problema de edição.
- ³⁰ NdT: Em francês "*batteries*", se refere às colheitas que eram manuais e se 'batia' o trigo para debulhar.
- ³¹ NdT: Em francês *serre e tire*; palavras que caíram em desuso no francês contemporâneo.
- ³² É um espetáculo no qual os agricultores nem sempre acreditam porque estão relutantes em repeti-lo a cada ano, duvidando que consigam manter, por muito tempo, o interesse dos espectadores "cada vez mais difíceis" e comecem a pensar em substituí-lo, no próximo ano, por uma corrida de bicicletas...